APRESENTAÇÃO PRESENCIAL - I - PRÁTICAS PSICOLÓGICAS

SUBJETIVAÇÃO DO FEMININO: A CLÍNICA COMO UMA POSSIBILIDADE DO VIR A SER

Débora Siqueira Leitão (psi.deborasl@gmail.com)

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a subjetivação do feminino na clínica psicológica com mulheres. O objetivo desta pesquisa foi analisar se há impactos dos acontecimentos históricos, das determinações sociais do feminino na saúde das mulheres, buscando a partir do trabalho da clínica com mulheres, se esses atravessamentos produziram processos de adoecimento para elas. Esse estudo foi realizado a partir de uma pesquisa qualitativa, tendo como método, a análise bibliográfica baseada na perspectiva fenomenológico-existencial aplicada à psicologia clínica e em artigos e leis sobre a saúde das mulheres. A subjetivação é o processo de desenvolvimento da identidade, formado também pela dominação social, imbuída de práticas reguladoras do existir. Sob a ótica fenomenológica, a identidade não é dada a priori por determinismos biológicos ou psíquicos, mas é construída continuamente no existir, logo esse modo de compreensão possibilita ver o feminino de forma ampla. Porém, observando o contexto histórico, é possível notar que quando elaboradas condutas em saúde para o cuidado com a saúde das mulheres, o foco foi à capacidade de reprodução humana, por haver grande influencia social

e de poder sobre o corpo das mulheres que moldou as representações do feminino. Os resultados da pesquisa apontam para o desenvolvimento de um efeito devastador na saúde das mulheres gerando culpa por não querer ou não conseguir responder ao que é cobrado pelo social, pois, ainda hoje, as mulheres são reduzidas a maternidade e os outros temas da vida existentes são desvalorizados. Assim, a noção de desconstrução da subjetivação é qualificada aqui como o questionamento crítico das práticas reguladoras de identidade e dos elementos hermenêuticos que enclausuram o "ser mulher" em modelos rígidos — como a tríade mulher-heterossexual-mãe —, idealizados desde o nascimento. Esse modo de ser é uma possibilidade, mas não pode ser considerado único, pois dessa forma há o encontro com a subjetivação, falta de escuta e de cuidado de forma integral na clínica. Conclui-se que a perspectiva fenomenológico-existencial sustenta uma crítica contundente a esses determinismos ao resgatar a existência como campo de possibilidades, alcançando temas para além da cadência do mundo. Com isso, a relevância do estudo reside em fundamentar uma prática clínica singular e cuidadosa, que ofereça espaço para o vir-a-ser do feminino de cada mulher e amplie o caráter de liberdade na relação consigo mesma.

Palavras-chave: desconstrução; determinismo; mulher; psicologia clínica; feminino.